

SISSI E NUNO MARTINS VÃO PARTICIPAR EM MAIS DOIS ESPECTÁCULOS DE FILIPE LA FÉRIA

# Só voltamos ao EUA se não tivermos trabalho cá

*Irmãos de sangue, Sílvia, vulgo, Sissi e Nuno Martins não só cresceram juntos, como também têm construído lado a lado uma carreira artística que começou na Academia de Música de Vilar do Paraíso. Gaienses de «gema» e portistas dos «quatro costados», os dois actores dão graças a Deus por finalmente estarem fazer aquilo de que mais gostam e que os levou mesmo a emigrar para os EUA à procura de uma arte que não havia em Portugal: o teatro musical. Quando, concluído o curso na mais prestigiada escola de Nova Iorque, decidiram tirar umas férias e voltar a Gaia, Sissi e Nuno Martins, separados por oito anos de idade, não imaginavam que o destino os havia de manter juntos também do ponto de vista profissional. Um ciclo de espectáculos levados a cabo por Filipe La Féria no Porto tem, de facto, não só permitido mantê-los próximos um do outro, como ainda adiado um (in)evitável regresso aos EUA, que só se cumprirá se uma realidade se puser: a falta de emprego. Em entrevista ao AUDIÊNCIA, Sissi e Nuno Martins, de 23 e 31 anos, confessam mesmo que a vinda do encenador para o Porto “foi o melhor” que lhes “podia ter acontecido”, decididos a se manterem ligados não só ao “melhor como ao único” produtor de teatro musical em Portugal. E, para já, os dois actores de Gaia não se podem queixar: depois de participarem em «Jesus Cristo Superstar», «Música no Coração» e n'«O Príncipezinho», os irmãos vão também fazer parte do elenco dos dois novos espectáculos de La Féria no Rivoli, designadamente «Um Violino no Telhado» e «Alice no País das Maravilhas». Afinal, o sonho americano pode esperar...*



Por Jorge Carvalho

**AUDIÊNCIA – O gosto pelo mundo do espectáculo está-lhes no sangue?**

**SISSI MARTINS** – Por acaso, há alguma tradição de familiares que, por um, ou outro motivo estiverem ligados ao mundo do espectáculo, mas não de uma forma profissional. A minha família sempre foi dada à música: a minha mãe cantou e o meu pai tocou no casamento, a minha bisavó e avó eram cantoras de igreja e o meu avô era mais virado para o teatro. Como qualquer irmã mais nova, sempre acompanhei o meu irmão, quando ele começou a tocar em festas de família, ou em casamentos. Ia para o palco e também tentava acompanhá-lo, mas, na altura, não era eu logicamente a estrela da família. A minha adolescência musical não foi a do meu tempo, mas, antes, a do meu irmão, razão pela qual sou hoje fã da música dos anos 70. O meu irmão começou a fazer tudo primeiro

do que eu e acabou por haver um efeito natural de arrastamento. Agora, a voz, por exemplo, é um dom.

**NUNO MARTINS** – Interessei-me pelos musicais por acaso. Estudava piano e canto na Academia de Vilar do Paraíso e, a partir de determinada altura, o Coro Ligeiro, do maestro Ernesto Coelho, decidiu começar a ensaiar músicas do ‘Jesus Cristo Superstar’. Ensaiámos tantas músicas que chegou a um momento em que tivemos mesmo de fazer todo o espectáculo. Fui o escolhido para interpretar Jesus de Nazaré e assim tive a primeira experiência no teatro musical. Adorei. E comecei a interessar-me. Cheguei a ir a Londres e aos EUA, para conhecer melhor ‘O Rei Leão’, que também ia ser feito pela Academia de Vilar do Paraíso. Apaixonei-me.

**SM** – Entrei para o Coro Ligeiro da Academia para participar numa versão de ‘Música no Coração’ em que tinha de fazer de Gret. O maestro Ernesto

Coelho, tinha eu 10 ou 11 anos, convidou-me, aceitei e passei a fazer parte, juntamente com o meu irmão, do Coro Ligeiro que fazia musicais amadores. **NM** – A partir daí, nunca mais paramos. Até eu ter decidido ir para Nova Iorque estudar teatro musical. Depois de ter feito ‘Jesus Cristo Superstar’ pela Academia, cheguei à conclusão de que era mesmo aquilo que eu queria. Mas, em Portugal, não há escolas de teatro musical. Ou há escolas de música, de teatro, ou de dança, mas, infelizmente, não há escolas de teatro musical. Pelo que tive de ir para Nova Iorque. A minha irmã foi aos EUA passar 15 dias de férias comigo, apaixonou-se por Nova Iorque e acabou também por ficar. Na mesma escola.

**SM** – A escola que frequentámos é a melhor escola de teatro de Nova Iorque. Se não entrasse naquela, não queria outra. Fiz a audição e vim embora para Portugal. O meu irmão foi comigo – acho que estava mais

nervoso do que eu —, mas ainda não se tinha inscrito. Como estava a estudar teatro em Coimbra, voltei para Portugal. Um mês depois, o meu irmão fez também a audição e, quando estava em Portugal a passar férias, recebeu a notícia de que havíamos entrado os dois.

**A — A formação tida numa escola de teatro musical nos EUA tem-lhes valido papéis nos espectáculos de Filipe La Féria?**

NM — A única coisa que sei é que, de uma forma quase inconsciente, dou por mim a pôr em prática aquilo que aprendi em Nova Iorque. Agora, não quer dizer que eu e a minha irmã, por termos tirado um curso nos EUA, somos os melhores actores que Filipe La Féria tem. Tenho colegas que nunca estudaram música, nem teatro e fazem o mesmo que eu. Não é por isso que são piores, ou melhores.

SM — Do meu ponto de vista, aquilo que aprendemos em Nova Iorque permite-nos chegar mais rapidamente ao produto final.

NM — Não sei se terá sido coincidência, mas não me lembro, até hoje, de Filipe La Féria se ter manifestado em relação a qualquer coisa que eu ou a minha irmã estivéssemos a fazer mal.

SM — A grande diferença estará na velocidade com que conseguimos chegar ao produto final. Se calhar, é mais fácil para nós percebermos e construirmos a personagem. Logicamente, o trabalho de contracena é fundamental. Mas o trabalho de actor individual faço-o através do método que aprendi nos EUA. Na dança, por exemplo, apanho mais depressa uma coreografia do que um actor que não tenha formação na área.

**A — Estão finalmente no caminho certo?**

SM — Se não há mais ninguém a fazer teatro musical a este nível em Portugal, com qualidade, salas cheias e ordenados em dia, só podemos mesmo estar no caminho certo.

NM — Cheguei a frequentar a Escola Superior de Música do Porto para tirar um curso de Produção e Tecnologias da Música e, a meio do terceiro ano, decidi que não queria estar atrás do palco, mas na frente. Já fazia teatro musical e vim embora. Não concluí o curso.

Para mim, o canudo vale o que vale. Se é para ter mais um diploma na mão, já tenho um que me diz mais: o tirado em Nova Iorque. Percebo de produção e de música, mas não é, definitivamente, o que quero fazer. Não vou perder mais tempo do que aquele que perdi.

**A — Tem sido sempre possível fazerem os mesmos espectáculos juntos?**

SM — Por acaso, tem. Já fiz o 'Fame', o 'Rent', 'O Príncipezinho'. Só não fiz 'Os Maias'. Mas tem sido só mesmo coincidência. Por exemplo, no caso de 'Jesus Cristo Superstar', nunca disse que tinha um irmão actor, ou cantor.

NM — O engraçado é que eu fui o primeiro a fazer o 'casting' no Porto para o 'Jesus Cristo

Superstar'. Quem disse ao Tó Leal quem eu era foi a Sara Lima. Cantei a música do Judas e do Jesus de Nazaré e ele deu-me os parabéns. Mais tarde, mandou mesmo chamar a minha irmã para lhe perguntar por que nunca lhe havia dito que tinha um irmão que também cantava e fazia teatro musical. SM — As coisas têm acontecido naturalmente. Como há tão pouco teatro musical em Portugal, é natural que, se

gostamos de fazer a mesma coisa, acabemos por cair nas mesmas produções, assim como, aliás, a maioria dos actores que tem participado nos musicais de Filipe La Féria no Porto. Sempre fui a mais certinha da família. O meu irmão ainda hesitou, mas eu não. Sabia o que queria: teatro musical.

**A — Mas chegou a frequentar um curso que tem tudo a ver**

*Para ser sincera, já estava à espera de um novo espectáculo de Filipe La Féria, no caso 'Um Violino no Telhado'. A dúvida era saber se a estreia seria no Porto, ou em Lisboa. Até há bem pouco tempo, os actores estavam numa verdadeira angústia, porque ninguém sabia nada (Sissi Martins)*



SAPATEADO

## Também é para levar a sério

**A — O sapateado também é para levar a sério?**

SM — É. Já estou a dar aulas de sapateado há dois anos. As minhas alunas levam muito a sério o compromisso com o sapateado. E eu também.

**A — Existe sapateado em Portugal?**

SM — Existe. O impulsionador do sapateado em Portugal foi um francês, que já cá está há muitos anos. Aliás, o Michele chegou a ser coreógrafo de Filipe La Féria. Também tive aulas com ele. Levo a sério o sapateado, assim como levo tudo o que faço. Não sei ser de outra forma. Dou ainda aulas de teatro musical, a alunas individuais, uma das quais quer mesmo ir para Londres estudar. Estou a ajudá-la em aulas de interpretação e de escolha de músicas. O teatro musical também é fazer escolhas físicas. As

características físicas de cada um contam. Logicamente, eu não posso fazer qualquer personagem.

NM — Um actor com as minhas características físicas, por exemplo, não vai fazer um 'casting' para interpretar a personagem do pai n' 'Um Violino no Telhado'. Temos de ter noção das limitações. E do timbre de voz. Num 'casting', tudo conta. Em Nova Iorque, os actores têm 30 segundos para mostrar tudo o que valem. O que é muito difícil. Lá, são 500 concorrentes para uma produção. Para o 'Jesus Cristo Superstar', também houve 500 candidatos, mas o 'casting' durou três dias. Nos EUA, é um.

SM — Lá fora, não há tempo para nada. Temos de captar a atenção dos encenadores em 30 segundos. E, por isso, tudo é levado em conta, da cor do cabelo aos sapatos.

**com teatro musical: Serviço Social.**

SM — Por uma questão de segurança. Queria ter uma garantia, um curso de futuro. Hoje, se calhar, penso de maneira diferente, porque não há nenhum curso capaz de oferecer segurança ilimitada no mercado de trabalho. A ida aos EUA foi o ponto de viragem. Fartei-me de chorar, porque cheguei à conclusão de que não era nada daquilo que eu estava a fazer que queria para mim, para o meu futuro. Tinha de mudar de vida. Agora, para os meus pais, não ia ser fácil aceitar ter dois filhos nos EUA a estudar teatro musical.

NM — Para não ir directa para Nova Iorque, foi primeiro frequentar um curso de teatro em Coimbra. Ao fim de um ano, lá acabou por ir e os meus pais ficaram sozinhos.

**De Nova Iorque ao Rivoli**

**A — Como viviam nos EUA?**

NM — Não foi fácil. A sorte foi que tínhamos família em Nova Jersey.

SM — Apesar do apoio dado por um tio, tínhamos de tocar e cantar à noite.

NM — Dormia três horas por dia. Deitava-me às quatro da madrugada e levantava-me às sete, para ir para a escola, em Nova Iorque.

SM — Cheguei mesmo a trabalhar no restaurante do meu tio, para conseguir ganhar mais algum dinheiro para fazer face às despesas.

NM — O curso custava 20 mil dólares/ano e eu ainda consegui receber uma bolsa de cinco mil. Era um curso muito caro, o que me obrigou a tocar à noite para o conseguir pagar.

**A — Tocava o quê?**

NM — Era o único português numa banda brasileira. Tocava piano. A banda chegou a receber um prémio de melhor banda brasileira da Costa Oeste dos EUA.

**A — Como se chamava?**

NM — Chamava-se 'Pimenta Malagueta'. Tocávamos e cantávamos músicas brasileiras e inglesas. Eu cantava as inglesas e o guitarrista, as brasileiras.

**A — Quando tocaram juntos, afinal?**

SM — Tocámos antes do meu irmão entrar para a banda.

**Audiência**

## ENTREVISTA

Chegámos a tocar música ligeira americana, portuguesa e francesa em três sítios diferentes.

NM – Para a minha irmã, estava a ser muito desgastante. Eu já estava habituado, porque, mesmo em Portugal, cantava à noite em bares e em casinos. Mas, para ela, era muito cansativo.

SM – Não é fácil cantar todos os dias, principalmente em locais com muito fumo.

**A – Não fuma?**

SM – Não. Aliás, nem sequer sei pegar num cigarro. O que pode parecer ridículo. Já tive de fazer uma cena em teatro em que tinha de ler um texto com um cigarro na mão e não foi nada fácil. A parte mais difícil não foi ler o texto, ou fazer a cena, mas aprender a segurar um cigarro na mão.

NM – Ao fim de algum tempo, a minha irmã deixou de cantar à noite e eu fui convidado para fazer parte da banda brasileira. Mas também cheguei a dar aulas de piano nos meus poucos tempos livres. Fazia tudo para ganhar mais alguns tostões. Se não estivesse a pagar o curso, tinha ficado rico

só com os espectáculos da banda à noite. Estava a ganhar 1500 dólares por semana, a tocar três/quatro horas por noite.

**A – E por que voltou para Portugal?**

NM – Porque gosto de fazer teatro musical.

**A – Também o há, e de qualidade, nos EUA.**

NM – Há. Mas não é de fácil acesso para quem não é americano.

SM – Eu, por exemplo, podia estar no teatro musical nos EUA. Quando voltei a Nova Iorque no período em que 'Música no Coração' interrompeu as sessões no Rivoli por causa do 'Fantasporto', fui à escola buscar o meu diploma e estive com uma professora do primeiro ano que, no final do curso, me propôs ficar em Nova Iorque para participar n'Os Miseráveis', na Broadway. Na altura, recusei. Estava muito cansada e queria vir de férias para Portugal. Quando lá regresssei, renovou o convite.

**A – Não estão mesmo a pensar voltar aos EUA e inter-****romper as férias que vieram tirar a Portugal?**

NM – Sempre disse que, se conseguisse trabalhar em Portugal, não voltava aos EUA. O que não quero é ter três meses de trabalho e nove sem emprego, a tocar, por exemplo, no 'Mon Ami', ou em casamentos. Se isso acontecer, volto aos EUA. Graças a Deus, tenho tido sorte. Desde que vim de Nova Iorque, ainda não parei. Portanto, enquanto Filipe La Féria me der trabalho, fico por cá.

SM – Penso exactamente a mesma coisa. Estou a fazer aquilo de que mais gosto. Quando a minha antiga professora voltou a convidar-me para participar n'Os Miseráveis', disse-lhe que estava a fazer aquilo de que mais gostava e junto de quem mais gostava. Portanto, neste momento, nada me levaria a deixar Portugal. O sonho de todos é estar na Broadway, mas, para mim, é mais importante estar a fazer aquilo de que gosto perto de quem gosto. Um dia, se a minha vida mudar, posso voltar aos EUA. Para concretizar o sonho de estar na Broadway e também para fazer dinheiro fácil. Um artista consegue fazer bom dinheiro nos EUA. Com sacrifício, mas consegue.

A – Já se diz mesmo que a

**Sissi Martins é mais uma das meninas dos olhos de Filipe La Féria...**

SM – Só dou sempre o melhor de mim. Sou muito exigente comigo mesma. Se estou a fazer aquilo de que gosto e a receber por aquilo que faço – detesto, por exemplo, o dia de folga, à segunda-feira –, só posso dar sempre o melhor de mim. E Filipe La Féria aprecia quem dá tudo o que tem. Como qualquer bom patrão, Filipe La Féria é exigente. Na parte que me toca, procuro estar sempre lá quando sou solicitada.

NM – É natural que a minha irmã caia nas graças de todos: é pequenina e tem uma voz maior do que ela. O mesmo acontece, por exemplo, com a Wanda Stuart.

**A – E com a Anabela.**

NM – Com a Anabela também. Mas a Wanda Stuart já trabalha com Filipe La Féria há 20 anos. SM – A Wanda Stuart, nas 'Sete Maravilhas', disse-me uma coisa que não esqueci: 'Prepara-te, porque o Filipe La Féria gosta de mulheres pequenas'. Acho que, com a minha garra, posso chegar lá.

**A – Filipe La Féria é mesmo uma oportunidade de ouro para quem gosta de teatro musical?**

NM – Foi a melhor coisa que

nos podia ter acontecido. Tirámos um curso de teatro musical nos EUA e, ao voltarmos para Portugal, gostávamos de poder trabalhar com o melhor que há. E não podemos, de facto, quer mais, porque Filipe La Féria não é apenas o melhor, como o único.

SM – Filipe La Féria é conhecido até nos EUA. As produções são de tal forma boas que chegam aos EUA.

NM – Na escola, por exemplo, cheguei a cantar uma música do 'My Fair Lady' metade em português e a outra metade em inglês, porque sabia-se que o espectáculo estava em cena em Portugal.

**A – Também cantou Fado?**

NM – Não. SM – Eu cantei. Muitas vezes. Mas não canto Fado. Acho lindíssimo, gosto de ouvir, mas não tenho jeito para cantar. Não está dentro de mim. Sou muito mais 'Broadway show.' Nos EUA, pediam-me sempre para cantar Amália e Edith Piaf.

**Mais dois espectáculos em carteira****A – Já sabem o que vão fazer depois de 'Música no Coração'?**

SM – Depois de 'Música no Coração', vem 'Um Violino no Telhado', se Deus quiser. Para

**Sempre disse que, se conseguisse trabalhar em Portugal, não voltava aos EUA. O que não quero é ter três meses de trabalho e nove sem emprego, a tocar, por exemplo, no 'Mon Ami', ou em casamentos. Se isso acontecer, volto aos EUA. Graças a Deus, tenho tido sorte (Nuno Martins)**



## TELEVISÃO

**Gostamos de palmas no final dos espectáculos**

A – O cinema e a televisão não os aliciam?  
SM – Faço muito trabalho de estúdio. Dou a voz, por exemplo, a coros de muitos eventos da SIC.  
NM – Também fiz dobragens para desenhos animados, como o Pequeno Mogli. Mas a televisão e o cinema nunca me fascinaram.

**A – Nem as novelas?**

NM – Sinceramente, as novelas não me dizem muito.

SM – Adoro a fase de ensaios no teatro porque os actores têm um trabalho de construção das personagens. Todos os dias aprendo alguma coisa na minha cena com o Rolf, ou com o Ruben Madureira. Nas telenovelas, é apenas decorar o texto e fazer o 'take'. Em termos artísticos, é pouco para mim.

NM – Gostava um dia de experimentar, mas, para já, quero apenas pensar no teatro musical. Gosto é do palco e de ter palmas no final do espectáculo. E não passados dois meses.

**A – O que gostaram mais de fazer: «Jesus Cristo Superstar» ou «Música no Coração» e «O Príncipezinho»?**

SM – 'Jesus Cristo Superstar' deu-me muito

prazer, porque foi uma coisa construída de raiz. Foi um trabalho muito árduo de uma equipa e não apenas de mim. As minhas cenas foram construídas com mais trinta pessoas. O espectáculo em si era pura energia. Em 'Música no Coração', a nível individual, se calhar, deu-me mais prazer, porque tinha uma personagem só minha. São musicais completamente diferentes. Tenho uma personagem de relevo em 'Música no Coração', mas tinha o calor e a energia em 'Jesus Cristo Superstar'. Ou seja: no final de 'Música no Coração', penso: 'Consegui'. No final de 'Jesus Cristo Superstar', pensava: 'Conseguimos'.

NM – São trabalhos completamente diferentes. N'«O Príncipezinho», tenho uma personagem mais exposta, uma vez que faço de aviador, que é a segunda mais importante personagem da peça. Em 'Jesus Cristo Superstar', fazia de Simão. Se calhar, cansei-me mais depressa de fazer 'Jesus Cristo Superstar' do que estou a cansar-me de fazer '«O Príncipezinho»'. Fazer espectáculos para crianças é mais gratificante do que fazer para adultos. As crianças expressam-se mais rápido do que qualquer adulto e são mais espontâneas.

## ACADEMIA

# Faz falta uma escola de teatro musical

**A – Sem a Academia de Música de Vilar do Paraíso, nenhum dos dois seria hoje actor?**

NM – Foi na Academia de Vilar do Paraíso que contactei pela primeira vez com o teatro musical, mas não vou dizer que hoje seria contabilista se não fosse a Academia. Acredito que, da forma como eu gosto de teatro musical, iria acabar por me cruzar com os musicais. Se calhar, levaria mais tempo. Mas, mais tarde, ou mais cedo, iria chegar ao teatro musical. A Academia só tornou as coisas mais fáceis.

**A – Quem o levou pela primeira vez à Academia?**

NM – Já estudava música, na Escola Encontro com a Arte, do professor Manuel Barros, e ainda frequentei um ano uma outra escola, chamada Didacta, quando fui pela primeira vez à Academia. Namorava com uma rapariga que foi para a Academia e eu fui atrás.

SM – Quem me levou à Academia pela primeira vez foi, claro está, o meu irmão. Mas os meus pais sempre foram um bocadinho fanáticos por teatro musical. O meu pai, por exemplo, andou fugido da PIDE por ter ido ver sete vezes seguidas o 'West Side Story' ao cinema. Aliás, o meu pai viu teatro musical antes mesmo de os filhos terem nascido, nomeadamente 'Os Miseráveis', e o 'Starligh Express'.

**A – Faz falta uma escola de teatro musical em Gaia?**

NM – Faz falta em Gaia e em Portugal.

SM – Parece que Filipe La Féria também está interessado em colmatar uma lacuna que pode ajudar todos os que querem fazer teatro musical em Portugal.

NM – Somos poucos a fazer teatro musical porque não há lugar para todos. Acredito que haja muita gente que gostasse de fazer teatro musical, mas não há produções suficientes.

**A – O teatro musical não é o parente-pobre do mundo do espectáculo?**

NM – Não. Mas admito que ainda há quem pense que os actores do teatro musical denigrem o teatro. Só mentes pequenas, ou que não conhecem o teatro musical, podem pensar assim. Os actores de teatro musical têm de trabalhar muito mais do que aqueles que só fazem teatro clássico. Os actores do teatro dito tradicional têm de ser bons actores. Mas os que fazem teatro musical têm de ser bons actores e ainda bons dançarinos e bons cantores. SM – Os actores de teatro musical são mais versáteis. É outra forma de teatro completamente diferente. Também fizemos teatro clássico na escola. Um dos melhores actores de Shakespeare, que ganhou mesmo o Prémio 'Shakespeare Company', foi meu professor e do meu irmão de interpretação em Nova Iorque e fazia as duas artes: o teatro plástico e o musical. Era completamente contra os que defendiam que o teatro musical era uma arte menor do teatro clássico. Para ele, são, de facto, duas artes distintas, mas não quer dizer que uma seja inferior à outra. Também tive de estudar teatro plástico para poder fazer interpretações no teatro musical. E, para dançar jazz, tive de começar pela base, que é o clássico. Mas também não se compara o ballet ao jazz.



**Também fizemos teatro clássico na escola. Um dos melhores actores de Shakespeare, que ganhou mesmo o Prémio 'Shakespeare Company', foi meu professor e do meu irmão de interpretação em Nova Iorque e fazia as duas artes: o teatro plástico e o musical**

tente. Porque, como é óbvio, sou fanática pela Disney.

NM – Filipe La Féria também já me convidou para fazer parte do elenco de 'Um Violino no Telhado' e 'Alice no País das Maravilhas'.

**A – Que personagens vai interpretar?**

NM – No 'Violino', vou fazer de companheiro da alcoviteira, o único que sabe ler na vila – o jornalista que leva as notícias a todos – e, em 'Alice no País das Maravilhas', vou fazer de rei. Ou seja, vou ser anão. Vou ter mesmo de andar com uns sapatos nos joelhos.

mim, é óptimo. O público está habituado a ver-me fazer papéis de personagens com 16 anos e, n'Um Violino no Telhado', vou ter um papel de adulta e não de adolescente.

**A – Quando estreia o novo espectáculo de Filipe La Féria?**

SM – O espectáculo deve estreiar em Junho. Os ensaios já começaram.

**A – Foi uma surpresa a produção de mais um espectáculo de La Féria no Porto?**

SM – Para ser sincera, já estava à espera de um novo espectáculo de Filipe La Féria, no caso 'Um Violino no Telhado'. A dúvida era saber se a estreia seria no Porto, ou em Lisboa. Até há bem pouco tempo, os actores estavam numa verdadeira angústia, porque ninguém sabia nada. Criámos uma forte relação entre todos e o Rivoli é já mesmo a nossa primeira casa. Por exemplo, para mim, vai ser custoso separar-me dos meus irmãos em 'Música no Coração'. Em simultâneo com 'Um Violino no Telhado', irei ainda participar no espectáculo 'Alice no País das Maravilhas'.

